



OLHARES ALTERNATIVOS SOBRE A HISTÓRIA DA MÍDIA

Wilton Garcia¹

Indicadores e evidências (re)formulam noções, princípios e fundamentos para fomentar as instâncias comunicacionais de nossa contemporaneidade. Esta edição Especial da Revista ALTERJOR de Jornalismo popular e alternativo apresenta o **Dossiê Alcar Sudeste 2022**, realizado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP, nos dias 30 de novembro e 1 de dezembro de 2022, de forma presencial e gratuita.

Nesta edição Especial, a documentação de elementos circunstanciais e seus processos traduzem aspectos formais do discurso ideológico e tecnológico. São textos que tangenciam a prática (a *práxis*) e a teoria (o conceito), em que os desfechos investigativos operam por indicadores e evidências. Nesse caso, o *fazer* (na execução) e o *saber* (na idealização) constituem operações sistêmicas, para além do convencional e asseguram olhares alternativos sobre a História da Mídia.

¹ Artista visual, Pesquisador Fapesp, Professor da Fatec Itaquaquecetuba, Doutor em Comunicação pela USP, Pós-doutor em Múltiplos pela Unicamp. wiltongarcia.com.br E-mail: 88wgarcia@gmail.com

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 14 – Volume 02 – Edição 28 – Julho-Dezembro de 2023

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

Esta edição traz 40 artigos científicos, além da seção Especial e Entrevista totalizando 42 publicações. Esse conjunto de trabalhos científicos qualifica o referido evento científico fornecendo impressões, leituras e vestígios acerca do seu eixo regional Sudeste do país para examinar a pesquisa atual no âmbito da História da Mídia. Vale observar a produção de conhecimento, nesse contexto, sobretudo quando se investiga sobre o uso de mídias alternativas no campo da diversidade. Ou seja, isso demonstra os bons resultados do evento em consonância com o Grupo de Pesquisa ALTERJOR, ao promover mais uma parte da atividade acadêmica acentuando as ciências da comunicação como proposição da pesquisa brasileira.

Eminentemente, o que se prevalece nessas escritas são posições distintas, as quais se complementam de acordo com as abordagens e olhares alternativos. Alternar, assim, implica trazer à tona uma versão outra, capaz de estratificar o pensamento com vertentes de mais possibilidades enunciativas. Desenvolver possibilidades enunciativas que circunstan tal pressuposto requer a habilidade de (re)considerar como (des)regulação estratégica dos referentes midiáticos, cada vez mais hipermidiáticos com as tecnologias emergentes. O que torna rica a experiência do pensamento midiático em prol da pluralidade que circunda os fatos e as ocorrências sobressaltados pela mídia nacional e internacional.

Quando se elenca o universo de memória, lembrança, história e os meios de comunicação, instaura-se um *corpus* de argumentações acadêmicas, científicas e intelectuais acerca de produção de conhecimento sobre a História da Mídia. A ideia de passado está atrelada ao presente, bem como ao futuro, cujas (des)temporalidades são deslocadas, conforme Gumbrecht (2015).

Se a produção conhecimento requer a atenção entre a representação de espaço-tempo, o conhecimento constitui estrategicamente determinados recortes axiológicos, epistemológicos e/ou ontológicos – com valorações distintas. Pautado por produção de subjetividade, o conhecer reflete o pensar e o agir.

Como proposição plural sobre História da mídia, diferentes perspectivas conceituais, críticas, metodológicas e teóricas formalizam um leque de abordagens e proposições a serem desdobradas pela leitura e novas compreensões acerca do tema

tratado. Isso gera abordagens singulares e, ao mesmo tempo, complexas sedimentando uma linguagem científica que permeia os campos da comunicação e da cultura. A pluralidade (re)equaciona derivativas e posicionamentos que se somam para ativar novas demandas.

A informação, por certo, torna-se valor de mercadoria, porque se inscreve mediante a voracidade do sistema capitalista. Visto que: o capital se interessa exclusivamente pelo capital. E, se a informação se elenca metaforicamente como mercadoria, nesse Dossiê, o fluxo da informação recorre aos desafios contemporâneos (Canclini, 2016; Eagleton, 2021; Gumbrecht, 2015; Hall, 2001), inclusive com a atualização da cultura digital ancorada por algoritmo, big data, internet das coisas, metaverso, redes sociais. Em outras palavras, a informação transforma-se em *commodities*, porque o capital a agencia/negocia como moeda.

O objetivo deste Dossiê, então, seria acentuar um grupo de pressuposto crítico-reflexivo a respeito da história da mídia e sua pluralidade, fortalecendo o enredo que narra fragmentos e evidenciam perspectivas contemporâneas de alteridade, diferença e diversidade (Santos, 2014; Trevisan, 2018). Tal objetivo convoca resultantes parciais de uma produção de conhecimento, subjetividade e informação.

Certamente, olhares alternativos contribuíram para a sobrevivências de possibilidades enunciativas que enumeram a diversidade no Brasil e no mundo. Essa situação pode ser exemplificada a partir do panorama histórico organizado, em detalhes, pelas abordagens expostas nos textos desse Dossiê. Aqui, o *diversus* enaltece mais de uma versão e ilumina a ideia de pluralidade, ao ganhar força para se pensar a respeito de estudos, investigações e pesquisas que (re)dimensionam produção de conhecimento sobre História da mídia atualmente.

Referências

CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

EAGLETON, T. **O sentido da vida**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

GUMBRECHT, H. U. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SANTOS, R. **Poética da diferença**. São Paulo: Hagarado, 2014.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. São Paulo: Objetiva, 2018.